

INTRODUÇÃO À CEIA PASCAL CRISTÃ¹



1. A CEIA PASCAL

A Última Ceia realizada por Nosso Senhor com os seus Apóstolos, segundo o antigo rito judaico, foi um “Séder”: uma solene refeição sacrificial pascal. A cerimónia que apresentamos é uma tentativa de reconstituição desse acontecimento, baseada na narrativa dos Evangelhos, na tradição judaica e na palavra dos eruditos.

Qual seria para nós, cristãos, o sentido de encenar a ceia pascal? Certamente não o fazemos apenas copiando o rito judaico, tão venerável em si e conservado até hoje pelos nossos irmãos judeus. Fazemo-lo, sim, para perceber melhor a transição entre a Páscoa antiga e a Nova Páscoa, a Páscoa cristã.

Por isso mesmo, a cerimónia que apresentamos não é meramente a reconstituição da Ceia Pascal judaica do ano 30 da nossa era. É a dramatização da ceia específica que Jesus celebrou com os seus discípulos antes de se retirar para o Jardim das Oliveiras. Para nós, cristãos, a Ceia Pascal é uma cena da Paixão, uma apresentação dramatizada dos acontecimentos do Cenáculo, e nós encenamo-la para viver as últimas horas do Senhor neste mundo.

Como representação, tem por finalidade antes de tudo aprofundar o nosso conhecimento dos Evangelhos, tornando-os mais vivos para nós. Os evangelistas omitiram muitos pormenores que, para os seus contemporâneos judeus, não precisavam de ser mencionados. Por exemplo: porque Nosso Senhor toma o cálice duas vezes no relato de Lucas (Lc 22,17-20)? Porque foi recitado um “hino” antes dos apóstolos deixarem o Cenáculo (Mt 26,30)? Estes e outros detalhes adquirem novo sentido à luz da tradição judaica.

¹ Cf. A Ceia Pascal cristã, Pe. Ney Brasil Pereira, Edições Paulinas, 1985

A Ceia Pascal aprofundará também a nossa compreensão das cerimónias litúrgicas da Semana Santa e da Páscoa, repletas como são de figuras e alusões ao Antigo Testamento. *“Esta é a solenidade pascal, na qual o verdadeiro Cordeiro foi imolado”*. *“Ó noite verdadeiramente feliz, que despojou os egípcios e enriqueceu os hebreus”* (canto do Exultet da Vigília Pascal, aludindo a Ex 12), *“Cristo, nossa Páscoa, foi imolado: festejemo-lo com o pão ázimo da sinceridade e da verdade”* (1Cor 5,7-8, aludindo também a Ex 12).

Do mesmo modo, a nossa participação na Eucaristia será enriquecida se compreendermos mais claramente o momento que Jesus escolheu para instituir a Sagrada Eucaristia. A Ceia Pascal é uma preparação, em forma dramatizada, para o Tríduo Pascal que centraliza a nossa atenção na essência do mistério pascal: o Cordeiro imolado que nos libertou do cativeiro com o seu sangue. E assim, isto nos faz viver cada Eucaristia de maneira mais completa, pois a Última Ceia não foi apenas o ápice, o termo de chegada de um velho rito, mas o começo, o ponto de partida de um novo. Santo Atanásio disse que, *“quando juntos comemos a carne do Senhor e bebemos o seu sangue, é a Páscoa do Senhor que celebramos”*. A cerimónia da Ceia Pascal possibilita-nos encenar os acontecimentos da Última Ceia como uma meditação, preparando-nos para a plena realização da Última Ceia na Eucaristia.

Deus ordenou que a primeira Páscoa fosse comemorada solenemente (cf. Ex 12,1-28): o povo teria de sacrificar um cordeiro e comê-lo com pão ázimo e ervas amargas (uma lembrança da saída precipitada do Egipto, em que não houve tempo para fermentar o pão), em agradecimento pela liberdade, que era dom de Deus. Esta festa anual da Páscoa tornou-se um facto de primordial importância na religião de Israel. Aos poucos, o ritual tornou-se mais rico; a Páscoa veio a ser considerada não somente acção de graças pela bondade de Deus no passado, mas também profecia do futuro: pois, assim como, uma vez, Deus tinha libertado o povo do cativeiro, assim também Ele os conduziria, a seu tempo, a um novo Êxodo, na era futura do Messias. *“A Páscoa foi, portanto, não só uma lembrança mas uma profecia!”*, escreveu D. Gaillard. Os actos divinos no passado eram uma garantia do cumprimento das promessas messiânicas no futuro.

No tempo de Jesus, a refeição pascal já não se realizava de pé e às pressas (cf. Ex 12,11), mas ao redor de uma mesa festiva. Em grande contraste com aquela noite de fuga, 1200 anos antes, a atmosfera estava agora impregnada de paz e alegria espiritual – embora essa paz fosse também periodicamente perturbada pelas tensões de tempos de revolta ou de guerra. Mas o sentido real da celebração permaneceu o mesmo através dos séculos: *sacrifício e banquete sacrificial de acção de graças*.

Agora podemos ver porque Jesus escolheu este rito como prenúncio e sacramento do seu sacrifício. Esta festa familiar, celebrada pelo povo escolhido como um todo unânime, tinha todas as qualidades para poder ser transformada na grande festa da comunidade cristã, estimulando a caridade e unindo estreitamente os corações dos que se alimentam do Pão repartido e do Vinho partilhado.

A primeira “passagem” do Senhor foi comemorada com a Ceia Pascal; a segunda, o sacrifício de Cristo, nossa Páscoa, torna-se presente na Eucaristia, a Ceia Pascal do Novo Testamento. No sentido de “passagem”, a significação do sacrifício de Jesus torna-se clara: *“Este é o meu corpo que é entregue por vós”* (Lc 22,19), para que possais passar da morte no pecado para a vida em Deus. Nesse contexto, torna-se claro que o novo sacrifício teria também o seu banquete sacrificial: *“Se não comerdes a carne do Filho do Homem e não beberdes o seu sangue, não tereis a Vida em vós”* (Jo 6,53).

Como vimos acima, celebrando a Ceia Pascal com os seus discípulos na noite de quinta-feira santa, Jesus antecipou-se, por um dia, à Páscoa oficial dos judeus. Na sexta-feira santa, à mesma hora em que os cordeiros pascais estavam sendo sacrificados no Templo, o Cordeiro de Deus, nosso Cordeiro Pascal, consumou o seu sacrifício na Cruz (cf. Jo 19,35-36). Encontravam-se, nesse momento, símbolo e realidade.

A Antiga Aliança entre Deus e o povo escolhido foi ratificada pelo sangue de muitas vítimas (cf. Ex 24,3-8). A Nova Aliança, já anunciada por Jeremias (Jr 31,31), era agora ratificada pelo sangue de uma Vítima perfeita (cf. Lc 22,20), e não pelo sangue de touros e de bodes (Hb 10,4). O cordeiro figurativo, portanto, foi assim substituído pelo verdadeiro. O sacrifício tornou-se perfeito (cf. Hb 10,10).

Esse mesmo sacrifício, prefigurado na Páscoa dos judeus, plenamente realizado no Calvário, é renovado em todas as Eucaristias. De todas as vezes que nós, cristãos, o povo escolhido da Nova Aliança, comemos o pão e bebemos do cálice, celebramos o mistério pascal, “anunciando a morte do Senhor, até que Ele venha” (1Cor 11,26). Como diz S. João Crisóstomo, em cada Eucaristia “é o Cristo que aqui e agora celebra a Páscoa com os seus discípulos. E a mesa do altar não é senão a mesa da Última Ceia”.

1. A CEIA PASCAL NO TEMPO DE JESUS

A Ceia Pascal, a partir do núcleo do ritual exposto em Ex 12,1-28 e Dt 16,1-8, desenvolveu-se no decorrer dos séculos. Desde os tempos de Esdras (450 ou 400 a.C.), foi-se elaborando um cerimonial minucioso, finalmente depositado no Talmude (no Tratado Pessahím, da Mishná) e observado até hoje. Na época de Jesus, portanto, deve ter contido os seguintes elementos, que tinham o seu significado especial para os judeus:

Primeiro em importância era o **Cordeiro**, sacrificado no Templo. Todo o seu sangue era derramado; a Lei determinava que nenhum dos seus ossos fosse quebrado (Ex 12,46 citado em Jo 19,33-36), o que era cuidadosamente observado. O cordeiro era assado num espeto de ramo de romãzeira, em forma de cruz, e lembrava aos judeus o cordeiro cujo sangue salvara os seus ancestrais no tempo do grande Êxodo. O nome “péssach” (Páscoa) foi aplicado em especial ao cordeiro, bem como à libertação do Egito e, depois, aos festejos que a recordavam.

Pão ázimo – matsá, no plural **matsôt** – era chamado o “pão do tormento”, porque era feito somente de farinha e água. Representava o pão feito pelos judeus durante a sua partida apressada do Egito, quando não houvera tempo para levedar. A divisão de uma grande **matsá** entre todos os que estavam à mesa, por duas vezes na Ceia Pascal, era expressão de união.

Ervas amargas – marór – embebidas em vinagre e sal, lembravam-lhes a amargura da escravidão e o sofrimento no Egito.

Harósset – uma mistura, de cor vermelha, de maçãs e nozes picadas, canela e vinho, lembrava a argamassa usada pelos judeus na construção de palácios e pirâmides no Egito, durante os períodos de trabalho forçado.

Vinho – assim como o pão ázimo repartido, o vinho, retirado de uma vasilha ou bebido de *uma taça comum*, expressava a unidade do povo, a sua irmandade como filhos de Abraão e co-herdeiros da Promessa. Quatro cálices são bebidos durante a refeição porque o livro do Êxodo (6,6-7) regista *quatro verbos diferentes*, todos significando *redenção*, proferidos por Deus quando enviou Moisés para libertar o seu povo. São eles:

- *Eu vos retirarei* (do Egito): é o 1º cálice, “da Santificação”;
- *Eu vos libertarei*: é o 2º cálice, “da Redenção”;
- *Eu vos resgatarei*: é o 3º cálice, “da Benção”;
- *Eu vos receberei* (por meu povo): é o 4º cálice, “da Aceitação”.

As “**bênçãos**” dos alimentos – não eram “benzimento”, mas expressão da acção de graças a Deus pelas suas dádivas e do reconhecimento de que tudo vem do Senhor e a Ele deve ser reconduzido.

A **Hagadá**, relato da libertação do Egipto – está triunfalmente narrada no livro do Êxodo. A palavra *Haggadáh* significa “narrativa”. Deus ordenou que essa história fosse conservada viva entre nós: “E naquele dia contarás a teu filho: Eis o que o Senhor fez por mim, quando saí do Egipto” (Ex 13,8).

Os **salmos Hallel** (salmos 113-118) eram cantados como acção de graças e louvor a Deus, pela libertação conseguida.

3. INDICAÇÕES PRÁTICAS

Tempo do ano – a noite ideal seria a de quarta-feira santa, como preparação imediata para as liturgias do Tríduo Pascal. Mas qualquer noite do ano poderia servir, especialmente ao longo das 7 semanas do tempo pascal.

Ementa – os pratos seguintes devem ser preparados para a cerimónia que estamos a descrever. Todos eram elementos da refeição pascal no tempo de Jesus.

- 1 – *Péssach* - Carneiro assado
- 2 – Vinho tinto ou sumo de uvas
- 3 – *Matsôt* - Pães ázimos
- 4 – *Harósset* – mistura de maçãs picadas, nozes cortadas, canela, passas, que serve como sobremesa
- 5 – *Marór* – ervas amargas (rabanete e chicória)
- 6 – Ervas verdes (agrião, alface, aipo)
- 7 – Salmoura

4. RECEITAS

1 – **Carneiro assado (Péssach)** – se possível, para um grupo de cerca de 30 pessoas, compre-se um carneiro inteiro. Deve ser assado no espeto, ou no forno a 300º. De acordo com o costume prescrito, deve ser amarrado a um espeto em forma de cruz. Isto, aliás, pode ser feito depois de assado. O simbolismo cristão do carneiro é mais claramente realizado se ele for levado para a mesa inteiro, no espeto. Se um carneiro for muito grande para o grupo, pode ser substituído por um pernil, de carneiro ou cabrito. Da mesma forma, havendo dificuldade de o assar inteiro, pode-se assá-lo em postas.

2 – **Pães ázimos (Matsôt)** – prepare 4 chávenas de farinha de trigo, 1 chávena de gordura fina, 1 colher de sal, e 1 chávena de água fria. Misture bem a farinha, o sal e a gordura. Junte a água. Amasse durante 10 minutos. Abra bem fino, corte em forma circular de 5 cm e coloque numa forma untada. Coloque outra forma por cima dos pãezinhos para os impedir de enrolar. Isto é o suficiente para as três Matsôt cerimoniais (15 a 20 cm de diâmetro) e 4 dúzias de matsôt de 5 cm de diâmetro. Como decoração, marque uma cruz na massa antes de cozer. Também se pode comprar as Matsôt em certas casa comerciais.

3 – **Harósset** – de uma quantidade de maçãs suficientes para o grupo, pique metade e moa a outra. Misture e junte as nozes picadas, canela e vinho, a gosto.

5. ARRANJO DA MESA E DECORAÇÃO

1 – Toalha e guardanapos brancos.

2 – Candelabro de sete braços (a menorá), com sete velas.

3 – Se mais de uma mesa for usada, velas e castiçais podem ser usados nas mesas adicionais, mas não é necessário mais de um candelabro de sete braços.

4 – Flores e verdes para um centro de mesa e para a decoração da sala. Um arranjo de espigas de trigo e uvas constitui o centro de mesa adequado.

5 – Cartões com os nomes dos convidados e o desenho de um cordeiro ou outro tema eucarístico e pascal, como trigo e uvas, aumentam a solenidade da refeição.

6 – Em cada lugar deve haver:

- a) uma taça para vinho (quando o grupo é pequeno, as taças podem estar na frente do presidente, que as deve servir da jarra única);
- b) uma taça com harósset;
- c) um pratinho com erva amarga e erva verde;
- d) um prato com pães ázimos (matsôt) suficientes para cada um;
- e) um copo com salmoura.

7 – Um quadro ou texto na parede, expressando o tema da refeição pascal, por exemplo: um pano decorado com um grande cordeiro, com o símbolo do pão e do vinho ou outros motivos eucarísticos; um texto como: “Porque é que esta noite é diferente de todas as outras noites?” ou: “Cristo, o nosso Cordeiro Pascal, foi imolado!” ou: “Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo!”

8 – Outros objectos necessários:

- a) um pavio para acender as velas;
- b) uma ou mais jarras, com concha, para servir o vinho;
- c) uma bacia, um jarro de água e uma toalha para o Presidente lavar as mãos;
- d) um prato grande, com as três Matsôt cerimoniais, enroladas cada uma num guardanapo;
- e) uma grande travessa para o carneiro, possivelmente enfeitada com verdes, e um fogareiro por baixo, para manter a temperatura;
- f) uma ou mais Bíblias, para os 4 leitores de Ex 12 e o leitor de Lc 22.

9 – Seria indicado começar a cerimónia no escuro, para dar realce ao momento de acender as velas.

6. PRINCIPAIS LIDERANÇAS

1 – O Presidente – é quem preside à refeição e pronuncia as várias “bênçãos” durante a cerimónia. Seria aconselhável que o Presidente dissesse as palavras de Jesus na leitura dialogada do Evangelho de João, no final da Ceia, uma vez que ele representa o Cristo. O Presidente pode ser o pai da família ou um sacerdote ou o líder do grupo que organizou a refeição.

2 – O Comentador – é quem lê os comentários, explicando o significado dos vários momentos do ritual, relacionando-os com a sua realização cristã.

3 – A Mãe – acende as velas no começo da refeição e profere a bênção da luz.

4 – O Mais Novo – faz as 4 perguntas sobre o significado da refeição pascal.

5 – Os Leitores – são os que lêem os trechos indicados no cap. 12 do livro do Êxodo e do cap. 22 do Evangelho de S. Lucas.

6 – Servidores – alguns dos participantes devem, a seu tempo, trazer os pratos cerimoniais, ajudar o Presidente a lavar as mãos, dividir o carneiro, etc.

7. ALGUMAS SUGESTÕES

1 – Especialmente quando o grupo for grande, é aconselhável que todos os que devem falar (Presidente, Comentador, Mais Novo, Leitores) fiquem de pé.

2 – Em grandes grupos é demorado e cansativo servir o vinho a todos directamente da jarra única. A solução mais simples é que o Presidente despeje o vinho em mais jarras, apresentadas pelos Servidores, os quais, por sua vez, o distribuirão pelos presentes. Também, para não prolongar a cerimónia, pode-se suprimir a distribuição da jarra única do segundo e quarto cálices, mantendo a solenidade apenas no primeiro e terceiro, que são os mais importantes.

3 – A leitura do Evangelho de S. João, no fim da Ceia, tornar-se-á mais viva se os apóstolos forem escolhidos de entre os convidados e lerem a sua parte ficando cada um no seu lugar.

4 – É muito importante que o grupo todo se envolva na preparação da Ceia. Vários dias antes faça-se uma reunião para distribuição de tarefas: quem se encarrega de quê. Quanto mais pessoas do grupo se envolverem na preparação, remota e próxima, de tudo o que é necessário – e é muita coisa! – tanto mais frutuosa, em termos de fraternidade, será a experiência de todos.





1. ACENDER AS LUZES DA FESTA

COMENTADOR - Nos lares das famílias judaicas, cabia à mãe acender as luzes dos candeeiros e, assim, dar vida e alegria ao ambiente em que se realizavam as solenidades. Podemos supor que, na Última Ceia, foi Maria quem o fez. A Igreja Católica conserva esta bela tradição, iniciando a cerimónia da Vigília Pascal com a “benção” da luz, símbolo da vinda de Cristo, o Messias, luz do mundo. Também o uso das velas nos altares tem origem neste antigo costume israelita.



Apagam-se as luzes da sala.

A Mãe (uma dirigente) acende as velas, enquanto todos estão de pé.

Cântico: A LUZ DE CRISTO ILUMINA A TERRA INTEIRA, ALELUIA, ALELUIA
(por 3 vezes, como na Vigília Pascal)

A MÃE - Bendito sejas Tu, Adonai, nosso Deus, rei do universo, que nos santificaste pelos Teus mandamentos e nos ordenaste benignamente esta festa das luzes. Bendito sejas Tu, Adonai, nosso Deus, rei do universo, que nos conservaste a vida até ao dia de hoje. Que esta casa seja abençoada, ó Deus, e que a luz da Tua benevolência brilhe sobre todos nós, trazendo-nos a paz.

TODOS - Amén. Amén. *(Reacendem-se as luzes)*

2. QIDDUSH, A BENÇÃO DA FESTA

Todos sentados. Na mesa, na frente de cada convidado, um prato para o péssach, um pequeno recipiente com salmoura e um prato com matsôt (pães sem fermento), um com ervas amargas e verdes, um com harósset, um cálice e um ramo verde. Diante do Presidente uma grande jarra com vinho e uma concha.



COMENTADOR - Todo o alimento servido na Páscoa judaica era “abençoado” antes de ser consumido, isto é, o chefe da casa agradecia a Deus, bendizendo-O por cada um dos seus dons. Do mesmo modo, hoje, o pão e o vinho ao serem consagrados, são “abençoados” pelo Celebrante durante o chamado “Ofertório” da Eucaristia, isto é, o Celebrante agradece por eles.

PRESIDENTE - Bendito sejas Tu, Adonai, nosso Deus, rei do universo, que nos escolheste entre todos os povos, nos exaltaste acima de todas as línguas e nos santificaste com os teus mandamentos. Com amor eterno nos deste, ó Senhor nosso Deus, dias santificados para que celebrássemos esta *festa do pão ázimo*. Por isso reunimo-nos comemorando a nossa libertação, lembrando o nosso êxodo do Egito. Bendito sejas Tu, porque nos escolheste e nos santificaste acima dos outros povos, e nos deste por herança este tempo sagrado. Bendito sejas Tu, ó nosso Deus, que santificaste Israel e as suas festas.

1º CÁLICE É SERVIDO

O primeiro cálice de vinho, o cálice da “Santificação” (Qiddush), é servido da mesma grande jarra que está na mesa diante do Presidente, sendo o vinho distribuído a todos os presentes.

COMENTADOR - O vinho era servido quatro vezes durante a refeição pascal, retirado de uma jarra única para todos os convidados, como símbolo de união. Na Última Ceia, Jesus serviu assim este primeiro cálice de vinho ainda não consagrado, dizendo: “Tomai e reparti entre vós, pois digo-vos que não tornarei a beber do fruto da videira até chegar o Reino de Deus” (Lc 22,17-18). A consagração viria mais tarde, depois da refeição, ao ser distribuído o terceiro cálice de vinho, o cálice da “Benção”.

TODOS - *(Com o cálice na mão)* Bendito sejas Tu, Adonai, nosso Deus, rei do universo, que criastes o fruto da videira.



Que a recordação desta noite, com as palavras e os gestos de Jesus, inspire a nossa conduta ao longo do nosso caminho.

Faz-nos sair da escravidão que nós mesmos buscamos e à qual facilmente nos submetemos: a escravidão do poder, do dinheiro, dos prazeres, da vida sem sentido. Fazei-nos compreender que a liberdade que nós pedimos e queremos, deve ser também liberdade para os outros. Por isso, ajudai-nos a desterrar dos nossos corações todo o sentimento de egoísmo, de soberba, de ódio, de intolerância.

Por meio das nossas palavras, das nossas atitudes, do nosso trabalho, do nosso testemunho, queremos colaborar, na medida das nossas forças, para que ninguém viva sob o terror, o medo, a pobreza, a opressão. Sobretudo, para que ninguém viva sob a escravidão que é a raiz de todas as escravidões do homem, o pecado.

Que a luz da liberdade chegue até aos confins do mundo e ao coração de cada homem! Então poderemos todos viver como Teus filhos e irmãos entre nós, plenamente livres, com aquela liberdade que nos destes por meio de Jesus, Teu Filho e nosso Senhor. Amén. *“Vem Senhor Jesus!”*. (Ap 22, 20)

PRESIDENTE – O Senhor vos guarde e abençoe. O Senhor vos mostre a Sua face e vos conceda a Sua graça. O Senhor vos conceda a paz. Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

TODOS - Amén. Amén. Aleluia! Aleluia!

Cântico: Cantai Aleluias, não haja mais dor...
Somos o novo Israel, que come o pão da unidade...



DEZ são os mandamentos.
NOVE são os meses necessários para dar à luz.
OITO são os dias para a circuncisão.
SETE são os dias da semana.
SEIS são as partes da Mishná.
CINCO são os livros da Torá.
QUATRO são as Mães de Israel.
TRÊS são os Patriarcas.
DUAS são as tábuas da Lei.
UM é Deus, o Senhor do Universo.

4º CÁLICE É SERVIDO

Servem-se pela última vez os cálices. É o 4º cálice ritual, chamado cálice da "Aceitação". Todos se levantam, erguem os cálices e dizem:

TODOS - (Com o cálice na mão) Bendito sejas Tu, Adonai, nosso Deus, rei do universo, que criastes o fruto da videira!

4º CÁLICE É TOMADO

Todos tomam do 4º cálice. O Presidente termina a cerimônia convidando os presentes à oração e depois proferindo a antiga bênção tirada do Livro dos Números 6, 24-26:

PRESIDENTE - Agora, meus amigos e irmãos, antes de nos separarmos, rezemos ainda:

TODOS - Ó Deus, e Deus de nossos pais, ao terminar esta refeição ritual que comemora a Páscoa do povo de Israel e a sua libertação da escravidão do Egito, símbolo de todas as libertações, assim como a Ceia que Jesus celebrou com os Seus discípulos na última noite da Sua vida, prenúncio da nova libertação do mal e do pecado por meio da Sua morte, pedimos a Tua ajuda para levar, ao nosso dia-a-dia, esta mensagem de liberdade e de vida.



1º CÁLICE É TOMADO

Todos bebem do primeiro cálice. Então, um dos Servidores apresenta ao Presidente a bacia, a toalha e o jarro com água para que lave as mãos, enquanto profere a seguinte "benção".

COMENTADOR - O ato de lavar as mãos durante a ceia da Páscoa significa a purificação interior de todos aqueles que participam no solene ritual. Do mesmo modo, após a apresentação dos dons, no chamado "Ofertório" da Eucaristia, o sacerdote repete este ato significativo. Muito provavelmente, foi justamente neste ponto da Ceia que Jesus se levantou e lavou os pés aos seus discípulos, dando assim ênfase e expressão ao Seu "novo mandamento" do Amor.

PRESIDENTE - Bendito sejas Tu, Adonai, nosso Deus, rei do universo, que nos santificaste com os Teus mandamentos e nos ensinaste o ritual de lavar as mãos.

Todos tomam dos seus pratos a erva amarga, marór, molham-na na água salgada, símbolo das lágrimas e sofrimentos no Egito, e dizem juntos:

TODOS - Bendito sejas Tu, Adonai, nosso Deus, rei do universo, que criastes o fruto da terra.



Todos comem da erva amarga. Um dos Servidores traz agora um prato com três grandes matsôt, isto é, com três grandes pães ázimos cerimoniais, cada um dentro de um guardanapo. O Presidente tira a matsá do meio e divide-a em dois, escondendo a parte maior sob a toalha, até ao fim da Ceia, como aficóman.



PRESIDENTE - Vou partir a matsá do meio e envolver no guardanapo a parte maior, que será escondida como aficóman. Ela será partilhada no final da Ceia, e agora serve como lembrança visível do Messias escondido, cuja vinda – para nós, cristãos, cuja volta - é ardentemente esperada.

(Depois levanta o prato com os restantes pães mostrando-os aos presentes.)

COMENTADOR - Durante os oito dias de Páscoa, os judeus eram obrigados a usar o pão ázimo (matsá), para comemorar a primeira Páscoa, em lembrança da saída do Egito, quando não houve tempo para levedar o pão. Jesus usou também deste pão para instituir a Eucaristia, na Última Ceia. É por isso que as partículas que se consagram na Eucaristia, no rito latino, também não contêm fermento. E é por isso também que S. Paulo nos aconselha a celebrarmos a Páscoa “não com o fermento velho, nem com o fermento da malícia e da corrupção, mas com os ázimos da pureza e da verdade” (1 Cor 5,8).

PRESIDENTE - Contemplai: este é o pão do tormento, que os nossos pais comeram na terra do Egito. Todos vós que tendes fome, vinde e comei! Todos vós que o desejardes, vinde e celebrai a Páscoa connosco. Permita Deus redimir-nos de todo o mal e de toda a escravidão. Este ano festejamos aqui; no ano que vem, na terra de Israel, em Jerusalém. Este ano somos ainda escravos; no ano que vem, seremos livres!

3. “HAGADÁ” - O RELATO DA SAÍDA DO EGIPTO

2º CÁLICE É SERVIDO

Um segundo cálice de vinho, o cálice da “Redenção”, também chamado cálice da “Hagadá”, é servido.



O MAIS NOVO – TODOS –

Sabes o que quer dizer ONZE?
ONZE são as estrelas do sonho de José.
DEZ são os mandamentos.
NOVE são os meses necessários para dar à luz.
OITO são os dias para a circuncisão.
SETE são os dias da semana.
SEIS são as partes da Mishná.
CINCO são os livros da Torá.
QUATRO são as Mães de Israel.
TRÊS são os Patriarcas.
DUAS são as tábuas da Lei.
UM é Deus, o Senhor do Universo.

O MAIS NOVO – TODOS –

Sabes o que quer dizer DOZE?
DOZE são as tribos de Israel.
ONZE são as estrelas do sonho de José.
DEZ são os mandamentos.
NOVE são os meses necessários para dar à luz.
OITO são os dias para a circuncisão.
SETE são os dias da semana.
SEIS são as partes da Mishná.
CINCO são os livros da Torá.
QUATRO são as Mães de Israel.
TRÊS são os Patriarcas.
DUAS são as tábuas da Lei.
UM é Deus, o Senhor do Universo.

O MAIS NOVO – TODOS –

Sabes o que quer dizer TREZE?
TREZE são os atributos de Deus.
DOZE são as tribos de Israel.
ONZE são as estrelas do sonho de José.



**O MAIS NOVO –
TODOS –**

Sabes o que quer dizer OITO?
OITO são os dias para a circuncisão.
SETE são os dias da semana.
SEIS são as partes da Mishná.
CINCO são os livros da Torá.
QUATRO são as Mães de Israel.
TRÊS são os Patriarcas.
DUAS são as tábuas da Lei.
UM é Deus, o Senhor do Universo.

**O MAIS NOVO –
TODOS –**

Sabes o que quer dizer NOVE?
NOVE são os meses necessários para dar à luz.
OITO são os dias para a circuncisão.
SETE são os dias da semana.
SEIS são as partes da Mishná.
CINCO são os livros da Torá.
QUATRO são as Mães de Israel.
TRÊS são os Patriarcas.
DUAS são as tábuas da Lei.
UM é Deus, o Senhor do Universo.

**O MAIS NOVO –
TODOS –**

Sabes o que quer dizer DEZ?
DEZ são os mandamentos.
NOVE são os meses necessários para dar à luz.
OITO são os dias para a circuncisão.
SETE são os dias da semana.
SEIS são as partes da Mishná.
CINCO são os livros da Torá.
QUATRO são as Mães de Israel.
TRÊS são os Patriarcas.
DUAS são as tábuas da Lei.
UM é Deus, o Senhor do Universo.



COMENTADOR - Neste momento, a história da primeira Páscoa é relatada de novo, como foi ordenado por Deus, no livro do Êxodo (cf. Ex 12,26-28; 13,8-9). Tal qual como na Liturgia da Palavra durante a Eucaristia, hoje em dia, esta parte do ritual tinha um grande valor educativo. A pessoa mais jovem presente faz as quatro perguntas tradicionais. Na Última Ceia, quem as formulou foi provavelmente o apóstolo João.

O MAIS NOVO

1. Porque é que esta noite é diferente das outras? Nas outras noites tanto comemos do pão ázimo como do pão comum. Porque é que esta noite comemos apenas do pão ázimo?
2. Todas as outras noites comemos qualquer espécie de verduras. Porque é que esta noite comemos ervas amargas?
3. Todas as outras noites não colocamos nenhum condimento nas ervas. Porque é que esta noite as colocamos em água salgada e harósset?
4. Todas as noites comemos sem comemorações especiais. Porque é que esta noite celebramos a Páscoa?

PRESIDENTE - Eis porquê: Os arameus perseguiram de tal modo os nossos pais, que estes resolveram abandonar a terra de Israel e fixar-se no Egípto. Neste país, dentro em breve, constituíram uma grande e forte nação que se desenvolveu extraordinariamente. Mas também no Egípto o nosso povo tornou a ser oprimido, perseguido e obrigado aos mais penosos trabalhos. Clamamos, então, ao Senhor, Deus de nossos pais, e Ele ouviu-nos e socorreu-nos nas nossas aflições, trabalhos e desgraças. Conduziu-nos, cheios de espanto, para fora do Egípto, por meio de muitos sinais e prodígios.

Esses prodígios contra os egípcios, são recordados como as 10 pragas que os afligiram, porque o faraó se obstinava em não deixar partir os escravos hebreus.



Relembrando agora essas 10 pragas, deixamos cair outras tantas gotas de vinho nos nossos pratos: como o vinho no copo diminui, assim a nossa alegria esmorece com o sofrimento e a morte dos nossos opressores. Apesar de tudo, eram também filhos de Deus e seres humanos, como nós.

COMENTADOR - A cada praga enunciada pelo Presidente e repetida por todos, deixaremos cair uma gota de vinho nos nossos pratos.

PRESIDENTE - A água transformada em sangue

TODOS - A água transformada em sangue



PRESIDENTE - As rãs

TODOS - As rãs

PRESIDENTE - Os mosquitos

TODOS - Os mosquitos

PRESIDENTE - As moscas

TODOS - As moscas

PRESIDENTE - A doença do gado

TODOS - A doença do gado

PRESIDENTE - As úlceras

TODOS - As úlceras

PRESIDENTE - A chuva de pedra

TODOS - A chuva de pedra

PRESIDENTE - Os gafanhotos

TODOS - Os gafanhotos

PRESIDENTE - As trevas

TODOS - As trevas



**O MAIS NOVO –
TODOS -**

Sabes o que quer dizer TRÊS?
TRÊS são os Patriarcas.
DUAS são as tábuas da Lei.
UM é Deus, o Senhor do Universo.

**O MAIS NOVO –
TODOS –**

Sabes o que quer dizer QUATRO?
QUATRO são as Mães de Israel.
TRÊS são os Patriarcas.
DUAS são as tábuas da Lei.
UM é Deus, o Senhor do Universo.

**O MAIS NOVO –
TODOS –**

Sabes o que quer dizer CINCO?
CINCO são os livros da Torá.
QUATRO são as Mães de Israel.
TRÊS são os Patriarcas.
DUAS são as tábuas da Lei.
UM é Deus, o Senhor do Universo.

**O MAIS NOVO –
TODOS –**

Sabes o que quer dizer SEIS?
SEIS são as partes da Mishná.
CINCO são os livros da Torá.
QUATRO são as Mães de Israel.
TRÊS são os Patriarcas.
DUAS são as tábuas da Lei.
UM é Deus, o Senhor do Universo.

**O MAIS NOVO –
TODOS –**

Sabes o que quer dizer SETE?
SETE são os dias da semana.
SEIS são as partes da Mishná.
CINCO são os livros da Torá.
QUATRO são as Mães de Israel.
TRÊS são os Patriarcas.
DUAS são as tábuas da Lei.
UM é Deus, o Senhor do Universo



E tudo quanto pedirdes em Meu nome, Eu o farei, para que o Pai seja glorificado no Filho. Como o Pai Me amou, também Eu vos amei a vós; permaneci no Meu amor. Se guardardes os Meus mandamentos, permaneceréis no Meu amor, do mesmo modo que Eu tenho guardado os mandamentos de Meu Pai e permaneço no Seu amor. Digo-vos isto para que a Minha alegria esteja em vós e o vosso gozo seja completo. O Meu mandamento é este: que vos ameis uns aos outros, assim como Eu vos amei. Ninguém tem mais amor do que aquele que dá a sua vida pelos seus amigos. Vós sereis Meus amigos se fizerdes o que Eu vos mando. Já não vos chamareis servos, porque o servo não sabe o que faz o seu Senhor; chamei-vos amigos porque tudo quanto ouvi de Meu Pai vo-lo dei a conhecer. Não fostes vós que Me escolhestes, fui Eu que vos escolhi e vos nomeei para irdes e dardes fruto, e o vosso fruto permanecer, a fim de que tudo quanto em Meu nome pedirdes ao Pai, Ele vos conceda. Isto vos mando: *que vos ameis uns aos outros*”.

Cântico: Se vos amardes uns aos outros, Deus permanece em vós.

9. BENÇÃO FINAL

Antes do 4º cálice e da Benção Final, fica bem uma alocução por parte de alguém do grupo ou mesmo uma partilha entre os participantes, na linha de transformarem em vida as sugestões do ritual.

E ainda antes do 4º cálice, poder-se-á expor a seguinte “charada cumulativa”, síntese da tradição.

O MAIS NOVO – Sabes o que quer dizer UM?
TODOS – UM é Deus, o Senhor do Universo.

O MAIS NOVO – Sabes o que quer dizer DOIS?
TODOS - DUAS são as tábuas da Lei.
UM é Deus, o Senhor do Universo.



PRESIDENTE - A morte dos primogénitos

TODOS - A morte dos primogénitos

PRESIDENTE - Portanto, se fossemos sábios e versados no conhecimento da Lei, ainda assim seria nosso dever rememorar, todos os anos, o facto inesquecível da nossa saída do Egipto. Cumpre, pois, meditarmos longamente sobre a passagem da nossa história.

Quatro elementos lêem agora a narrativa da saída do Egipto directamente da Bíblia.

Leitura do Livro do Êxodo (Êxodo, cap. 12)

1º Leitor: versículos 1 a 8.

2º Leitor: versículos 11 a 15.

3º Leitor: versículos 26 a 34.

4º Leitor: versículos 37 a 42.

Cântico: Cantemos ao Senhor, que se revestiu de Glória,
Cantemos aos Senhor.

O CORDEIRO É TRAZIDO



É um momento solene: durante o cântico os servidores entram solenemente com o Cordeiro Pascal e colocam-no diante do Presidente, na mesa principal.

COMENTADOR - Para esclarecer a relação existente entre a saída do Egipto e a Ceia Pascal levanta agora o Presidente os alimentos cerimoniais, um de cada vez, e explica o que cada um significa. Era este o ponto alto da refeição dos antigos judeus e continua ainda a ser para nós, os novos israelitas.



Note-se que o Cordeiro era sujeito a muitas exigências do ritual, cheias de significado profético: devia ser macho, sem defeito, assado em espeto em forma de cruz, com uma vara penetrando toda a sua extensão e a outra separando os pés dianteiros; e nenhum osso devia ser quebrado.



Enquanto o Presidente aponta para o Cordeiro, todos perguntam:

TODOS - Qual é o significado do Péssach?

PRESIDENTE - Péssach significa o Cordeiro pascal que os nossos antepassados sacrificaram ao Senhor em memória daquela noite, quando o Todo-Poderoso passou pelas casas dos nossos pais no Egito, como está escrito: «E quando os vossos filhos vos perguntarem, que significa este rito, respondereis: É o sacrifício da Páscoa em honra do Senhor que, ferindo os egípcios, poupou as casas dos filhos de Israel no Egito e poupou as nossas famílias» (Ex 12, 26-27).

O Presidente descobre a parte superior do primeiro pão ázimo e levanta-o.

TODOS - Qual é o significado da matsá?

PRESIDENTE - Este é o pão do tormento que os nossos pais levaram consigo para fora do Egito, como está escrito: “Cozeram a massa que tinham levado do Egito e fizeram pães ázimos pois a massa não estava fermentada, porque tinham sido obrigados a sair do Egito sem qualquer delonga e sem ter tempo para levar outras provisões (Ex 12,39).



Se Deus foi glorificado n’Ele, Deus também o há-de glorificar em Si mesmo e glorificá-l’O-á sem demora. Filhinhos, ainda estou um pouco convosco. Procurar-Me-eis e, como disse aos judeus, também vo-lo digo agora: Para onde Eu vou, vós não podeis ir. Um novo mandamento vos dou: Que vos ameis uns aos outros; assim como Eu vos amei, vós também vos deveis amar uns aos outros. Por isso é que todos saberão que sois Meus discípulos: se vos amardes uns aos outros”.

NARRADOR - Disse-Lhe Simão Pedro:

PEDRO – Para onde vais Senhor?

JESUS - Para onde Eu vou não podes tu seguir-Me, por agora; seguir-Me-ás depois.

PEDRO - Porque não posso seguir-Te agora? Por ti darei a minha vida.

JESUS - Tu darás a tua vida por mim? Em verdade, em verdade te digo: não cantará o galo sem tu Me teres negado por três vezes”.

NARRADOR - Disse-Lhe Tomé:

TOMÉ – “Senhor, nós não sabemos para onde vais, como podemos saber o caminho?

JESUS - Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida. Ninguém vem ao Pai senão por Mim. Se vós Me conhecêsseis, também conheceríeis Meu Pai; e desde agora O conheceis e O tendes visto”.

NARRADOR - Disse Filipe:

FILIFE – “Senhor, mostra-nos o Pai e isso nos basta.

JESUS - Estou há tanto tempo convosco e não me conheceis, Filipe? Quem Me vê, vê o Pai. Como é que tu dizes: Mostra-nos o Pai? Não crês que Eu estou no Pai e que o Pai está em Mim? As palavras que Eu vos digo, não as digo de Mim mesmo, mas o Pai, que está em Mim, é que faz as obras. Acreditai que estou no Pai, e o Pai em Mim: crede-me ao menos por causa das mesmas obras. Em verdade, em verdade vos digo: aquele que acredita em Mim também fará as obras que Eu faço; e fará obras maiores do que estas, porque Eu vou para o Meu Pai.



A TAÇA DE ELIAS

Antes do diálogo da Ceia, pode-se trazer a taça de Elias, o profeta. Abre-se a porta para acolhê-lo. Enche-se a taça (vazia até este momento) e coloca-se no meio da mesa.

PRESIDENTE – Damos as boas vindas neste momento a Elias, o profeta, defensor do seu povo, mensageiro da redenção final e da libertação de todas as formas de opressão. Bendita seja a tua presença, inspiração para todos nós e para a humanidade.

COMENTADOR – Abrimos a porta da casa, esta noite, ao profeta Elias. E lembramos com reverência os homens, mulheres e crianças que, por amor à fé e à liberdade, lutaram e morreram nas mãos de tiranos mais perversos do que o faraó, que escravizou os nossos pais no Egito.

PRESIDENTE – Lembramos os seis milhões de judeus e suas comunidades, destruídos na Europa pelas forças diabólicas que se revoltaram contra tudo o que é sagrado aos judeus, cristãos e todos os povos que consideram a vida humana como dom e manifestação de Deus.

COMENTADOR – Abrimos também as portas da nossa hospitalidade e da nossa amizade a todos os que necessitam de calor humano e de gestos fraternos.

TODOS – Sejam todos bem-vindos. Estendemos as nossas mãos, abrimos os nossos corações e oferecemos o nosso apoio, para que juntos possamos caminhar na construção de um mundo melhor.

8. DIÁLOGO DA CEIA (Jo 13-15)

NARRADOR - Leitura de alguns trechos do Evangelho segundo S. João. Assim que Judas saiu, disse Jesus:

JESUS – Agora foi glorificado o Filho do Homem e Deus foi glorificado n'Ele.



O Presidente ergue as ervas amargas, enquanto todos perguntam:

TODOS - Qual é o significado do marór?

PRESIDENTE - Marór significa erva amarga. Comemos marór para lembrar que os egípcios amarguraram a vida dos nossos pais, como está escrito: “Os egípcios impuseram a mais implacável servidão aos filhos de Israel. Faziam-lhes passar uma vida amarga, submetendo-os a violentos trabalhos de barro e de tijolos, e a toda a espécie de serviços agrícolas; e, cruelmente, impunham-lhes todas estas tarefas (Ex 1, 13-14).

O Presidente ergue a cremeira com a harósset, enquanto todos perguntam:

TODOS - Qual é o significado da harósset?

PRESIDENTE - A harósset, com a sua cor vermelha, significa a argamassa e os tijolos que os escravos hebreus eram obrigados a fabricar no Egito. Misturada com o marór, simboliza a própria vida, feita de acontecimentos doces e amargos, mas sempre aberta à esperança.

TODOS - Em tempos de opressão, não falte a esperança da liberdade; em tempos de liberdade, não se apague a lembrança da escravidão.

4. ACÇÃO DE GRAÇAS PELA SAÍDA DO EGITO

COMENTADOR - A prece de gratidão pela saída do Egito, agora pronunciada pelo Presidente, é semelhante ao Prefácio da Eucaristia. E os salmos Hallel – os grandes salmos de louvor (113-118) – que todos cantam em resposta, são como a aclamação do “Santo”.

Hallelu-Jáh, na nossa Liturgia “aleluia”, significa literalmente “louvai o Senhor”. Estes salmos eram muitas vezes rezados, ou cantados, por Nosso Senhor.



Como prefácio aos salmos **Hallel**, o Presidente, levantando o cálice de vinho (ainda o 2º cálice “da Hagadá”), diz:

PRESIDENTE - Em todas as gerações, cada um deve considerar-se como se tivesse pessoalmente saído do Egito, como está escrito: «*Dirás então aos teus filhos: É em memória do que o Senhor fez por mim quando saí do Egito*» (Ex 13,8). Portanto, é nosso dever agradecer, honrar e louvar, glorificar, celebrar, enaltecer, consagrar, exaltar e adorar Aquele que realizou todos esses milagres para com os nossos pais e para conosco. Ele conduziu-nos da escravidão à liberdade, do sofrimento à alegria, da desolação a dias festivos, da escuridão a uma grande claridade e do cativo à redenção. Cantemos diante d'Ele uma nova canção.



O Presidente repõe no lugar o seu cálice. Todos se levantam e recitam o salmo 114 (113):

PRESIDENTE - Aleluia, louvemos o Senhor!

TODOS - Aleluia, louvemos o Senhor!

PRESIDENTE - Quando Israel saiu do Egito, e a casa de Jacob dum povo estranho,

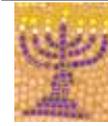
TODOS - Judá tornou-se o seu santuário e Israel o seu domínio.

PRESIDENTE - O mar, á vista disso, fugiu, o Jordão voltou atrás.

TODOS - Os montes saltaram como carneiros, as colinas como cordeiros.

PRESIDENTE - Que tens, ó mar, para assim fugires, e tu, Jordão, para retrocederes,

TODOS – vós, montanhas, para saltardes como carneiros, e vós, colinas, como cordeiros?



E São Lucas refere-nos que, depois de cear, Jesus tomou o cálice, deu graças e ofereceu-o aos discípulos, dizendo: “*Este cálice é a nova aliança no Meu sangue, que por vós se vai derramar.*” (Lc 22,20). A parte do salmo 116 (115), que se segue, era recitada pelo sacerdote antes de tomar do cálice, durante a Eucaristia.

O cálice da salvação é o sangue de Cristo: Deus quebrou os nossos grilhões pelo Seu sacrifício. Jesus, é o Todo-Santo cuja morte é preciosa aos olhos do Senhor. Com Ele oferecemos o perfeito sacrifício de louvor na Eucaristia.

Todos, de pé, com o cálice na mão, recitam o Salmo 116 (115), 12-18:

PRESIDENTE – Que darei eu ao Senhor por todos os Seus benefícios?

TODOS – Elevarei o cálice da salvação, invocando o nome do Senhor.

PRESIDENTE – Cumprirei com as minhas promessas ao Senhor, na presença de todo o Seu povo.

TODOS – É preciosa aos olhos do Senhor a morte dos Seus fiéis.

PRESIDENTE – Ah Senhor! Eu sou Vosso servo, sou Vosso servo nascido da Vossa serva, a quem quebrastes as cadeias.

TODOS – Oferecer-Vos-ei um sacrifício de acção de graças, invocando o nome do Senhor.

PRESIDENTE – Cumprirei com as minhas promessas ao Senhor, na presença de todo o Seu povo, nos átrios da casa do Senhor, no meio de ti, ó Jerusalém.

TODOS - *(Com o cálice na mão)* Bendito sejas Tu, Adonai, nosso Deus, rei do universo, que criastes o fruto da videira!

3º CÁLICE É TOMADO

Todos tomam do cálice da “benção” e sentam-se para a leitura do diálogo da Ceia.



3º PÃO ÁZIMO É REPARTIDO

Terminada a leitura, o Presidente toma do prato a terceira matsá, distribuindo-a em pedaços pequenos por todos os presentes.

COMENTADOR - É agora que se dá a segunda distribuição de pão ázimo entre os comensais, para terminar a refeição da Páscoa segundo o costume israelita. Provavelmente foi neste momento da Ceia que Jesus tomou o pão, pronunciou a bênção de acção de graças, partiu-o e o distribuiu aos discípulos, dizendo: *“Isto é o Meu corpo, que vai ser entregue por vós”*. (Lc. 22,19)

Todos seguram o pedaço de pão ázimo enquanto o Presidente diz:

PRESIDENTE - Bendigamos ao Senhor!

TODOS - Que o nome do Senhor seja bendito agora e para sempre!

PRESIDENTE - Bendito seja o Senhor, nosso Deus, rei do universo, que alimenta o mundo inteiro com bondade, graça, amor e misericórdia. Ele dá pão a todas as suas criaturas, pois é eterno o Seu amor e santo o Seu nome. Ele é quem tudo sustenta, faz bem a todos e provê alimento para todos os seus filhos.

TODOS - Bendito sejas Tu, Adonai, nosso Deus, que dais alimento a todas as criaturas!

3º CÁLICE É SERVIDO

Todos comem o pedaço da matsá. O terceiro cálice de vinho, o cálice da “benção”, é servido da jarra única.

COMENTADOR - São Paulo refere-se ao terceiro cálice, o cálice da “benção”, quando pergunta: *“O cálice de benção que abençoamos não é a comunhão do sangue de Cristo?”*. (1Cor.10,16)



PRESIDENTE – À vista do Senhor, a terra treme, na presença do Deus de Jacob,

TODOS - que transforma a rocha em lago e a pedra em fonte de águas.

PRESIDENTE - Aleluia, louvemos o Senhor!

TODOS - Aleluia, louvemos o Senhor!

5. LOUVOR SOLENE PELOS ALIMENTOS

Todos sentados.

COMENTADOR - Neste momento “abençoa-se” o vinho e, depois, o pão ázimo e as ervas amargas, símbolos da escravidão do Egito, da qual Deus libertou o Seu povo.

O Presidente toma o cálice (ainda o 2º cálice) e diz:

PRESIDENTE - Bendito sejas Tu, Adonai, nosso Deus, rei do universo, que nos redimiste, libertaste nossos pais do Egito, e nos permitiste viver esta noite para participar do Cordeiro, do pão ázimo e das ervas amargas. Possa assim o Senhor, nosso Deus e Deus de nossos pais, permitir-nos viver até outras datas festivas e santificadas. Possa Tua vontade ser cumprida por Jacob, Teu servo escolhido, de modo que o Teu nome seja santificado por todos na terra e todos os povos sejam levados a louvar-Te em uníssono. E nós Te cantaremos novos hinos de louvor pela nossa redenção e pela libertação das nossas almas. Glorificado sejas Tu, ó Senhor, que redimistes Israel!



TODOS - (com o cálice na mão) Bendito sejas Tu, Adonai, nosso Deus, rei do universo, que criastes o fruto da videira!



2º CÁLICE É TOMADO

Todos tomam do 2º cálice. O Presidente, a seguir, toma a primeira matsá, pronunciando a bênção com a seguinte oração:



PRESIDENTE - Bendito sejas Tu, Adonai, nosso Deus, rei do universo, que da terra tiras o pão!

COMENTADOR - Assim como no caso do vinho distribuído de uma jarra comum, a divisão e distribuição de um único pão ázimo a todos os presentes significa unidade. É o que, a propósito, lembra São Paulo: “Uma vez que há um só pão, nós, embora sendo muitos, formamos um só corpo, porque todos participamos do mesmo pão.” (1Cor 10,17). Por isso, o dono da casa, durante a refeição da Páscoa, molhava um pedaço de pão em harósset e o oferecia a cada um dos convidados: era costume tido como sinal de afecto. Isto dá um carácter notável ao gesto de Jesus, partindo um pedaço de pão e oferecendo-o a Judas. Era o último apelo do Seu grande amor. E o Evangelho diz-nos “Tendo, pois, tomado o bocado, Judas saiu imediatamente. E era noite.” (Jo 13,30)

1º PÃO ÁZIMO É DIVIDIDO

O Presidente parte a primeira matsá mais a metade restante da segunda em pedaços pequenos, e distribui-os a cada um dos presentes. Segurando o pedaço recebido, dizem todos:

TODOS - Bendito sejas Tu, Adonai, nosso Deus, rei do universo, que pelos Teus mandamentos nos santificastes e nos ordenastes comer o pão ázimo!

(Todos comem do pão repartido)

PRESIDENTE - Vamos tomar das ervas amargas e colocar nelas um pouco da harósset, comprometendo-nos a assumir a vida de cada dia, feita de dores e alegrias.



Cada convidado embebe uma folha das ervas amargas na harósset e diz:

TODOS – Bendito sejas Tu, Adonai, nosso Deus, rei do universo, que por Tua vontade nos santificastes e nos ordenastes comer das ervas amargas, temperadas com a Tua doçura.

6. REALIZA-SE A CEIA PASCAL

Neste ponto interrompe-se o Séder, o ritual propriamente dito. Divide-se o cordeiro. O jantar que é servido é um momento de confraternização, expressão de unidade e de amor. O Presidente, como um pai de família, pode explicar aqui o sentido da refeição em família, e assim fazer a transição entre a solenidade da primeira parte e a espontaneidade da refeição que se inicia. Uma suave música de fundo poderá contribuir para uma serena confraternização.

7. O PÃO E O VINHO DA “BENÇÃO”

A continuação do ritual no fim da refeição pode ser introduzida pela leitura de um trecho do Evangelho sobre a instituição da Eucaristia.

Leitura de Lc. 22, 7-27

NOTA

Estando para terminar a refeição, pode-se realizar a cerimónia do tsafún, a “procura do oculto”, isto é, a procura do aficomán, pedaço de matsá escondido pelo Presidente no início do ritual. Havendo crianças, elas é que devem procurá-lo. Quem o encontrar reparte-o, não necessariamente por todos, mas basta que alguns convidados dele participem.



Ceia Pascal 2013
